



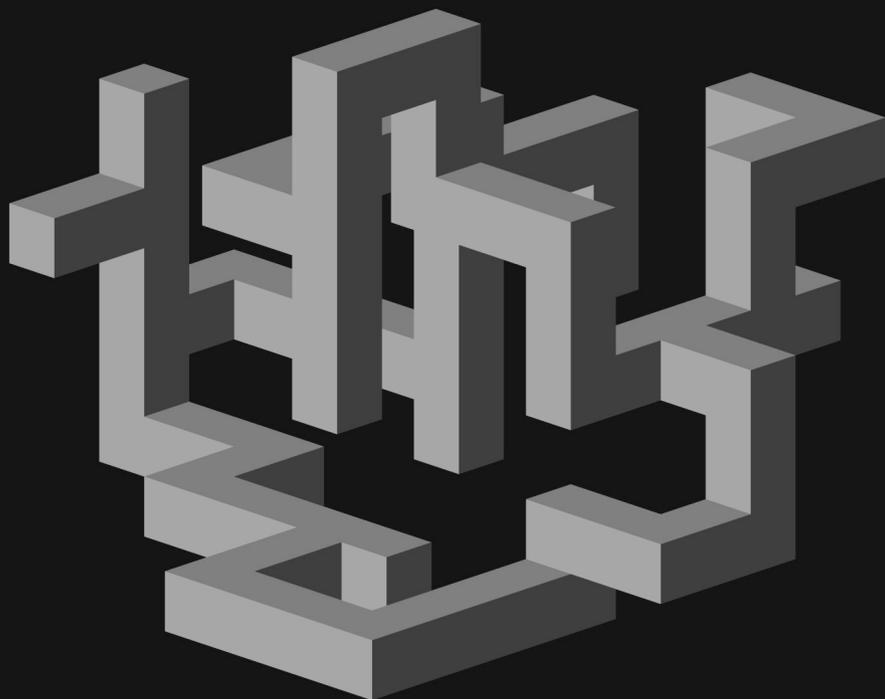
**cada leitura,
uma experiência**

VOZES SOBRE A JUSTIÇA SOCIAL

de Jesus Cristo ao fundamentalismo

com prefácio de Regina Fernandes

RILTON FILHO



Dedico esta obra aos meus
pais, minha esposa Flávia
Alessandra, minha amada filha
Ana Sofia e ao meu mestre
André Neto, com carinho.

SUMÁRIO

9	Agradecimentos
11	Prefácio
13	Introdução
15	A justiça social como parte do ser cristão
16	O Outro de Emmanuel Lévinas
20	Os ditos de Jesus e a descoberta do Outro
29	Jesus e Emmanuel Lévinas: pela ideia de Deus
43	Questões históricas da fé cristã e da justiça social
43	Revolução Industrial e injustiça social
45	Justiça social e fraternidade
47	Religião e Justiça social no Brasil
57	A “Declaração sobre Justiça Social e o Evangelho” de 2018
59	O Fundamentalismo Protestante: razões e características
68	O Fundamentalismo de disfarce e a dupla declaração sobre a justiça social
77	Povo escolhido: concepção fundamentalista e a promoção do risco a um regime democrático
85	Conclusão
87	Referências

AGRADECIMENTOS

Rendo os meus agradecimentos a Deus: aquele que me sustentou durante todo este tempo de escrita e preservou a minha consciência. Confesso que não é fácil pensar nas coisas que pensei neste livro estando no Brasil. A sensação era, por vezes, de solidão e inutilidade. Entretanto, no fim de todas as coisas, eu percebi que este era o clímax semelhante a da vida de um profeta. Compartilhar detalhes sobre as minhas reflexões com meu grande amigo Everson Matos sempre foram momentos empolgantes nessa caminhada de escrita. Tal como Everson, meu mestre André Neto foi uma peça central pra que este projeto acontecesse. Este, nunca deixou de me incentivar, corrigir, provocar e estimular. Minha esposa Flávia e minha filha Ana Sofia, foram, também, partes decisivas. Flávia uma base essencial na minha vida: sua dedicação me inspirou, bem como a doçura da nossa filha. Por fim, agradeço aos meus pais, tios(as), avós(ôs) e amigos. Vocês foram importantes para que este livro chegasse nas mãos de cada leitor.

PREFÁCIO

Parecia que a temática da justiça social no âmbito da fé cristã era um assunto já resolvido. Entendíamos como assentado que não há verdadeiro cristianismo se não há preocupação pelo bem-viver das pessoas no mundo, o que passa pela instauração de uma justiça social. Embora tenha sido uma temática posta na agenda cristã pelo movimento ecumênico no séc. xx, e na América Latina pelas teologias latino-americanas, no Congresso de Lausanne (1974) realizado pelo evangelicalismo mundial, segmento protestante de vertente mais conservadora, ficou assumido na forma de um Pacto a importância da responsabilidade social da Igreja, e que a evangelização não pode ser separada dela.

O Rilton, entretanto, comprovou que este é um assunto que não podemos dar por esgotado, pois por mais importante que seja, há sempre pregadores do *desevangelho*, que insistem em reduzir a vida cristã aos seus limites “espirituais” (em um sentido teologicamente equivocado de espiritualidade), diferente do que foi proposto por Jesus, vivido e ensinado pelos apóstolos. Não precisamos fazer grandes esforços exegéticos para comprovar que Jesus nos chamou a cuidar das pessoas em suas mais diversas necessidades e a ser sal e luz nas sociedades do mundo. Lévinas coloca esse envolvimento, que deveria ser

natural na vida do cristão e da cristã até mesmo por causa do amor de Deus em nós, na forma do reconhecimento do Outro e no campo da ética.

O fundamentalismo protestante mencionado no texto do Rilton é uma corrente do evangelicalismo, este com origem no séc. XVIII na Europa e aquele nascido na América do Norte no início do séc. XX. Ainda que tenha surgido no meio protestante, espaço histórico de liberdades e de *constante reforma*, tem se apresentado como um movimento hermético a qualquer modo de adaptação aos tempos. Na forma de uma *dissimulação*, ao final das contas, tem comprovado ser sempre uma mesma coisa, batendo na mesma tecla. O Rilton foi muito assertivo ao apontar que este movimento tem se ocupado, na história, quase que exclusivamente em refutar, combater, contestar tudo o que parece diferente daquilo que ele afirma; mas não tem comprovado propor, pensar e teologizar em torno dessas temáticas que notadamente o incomoda. Na realidade, ainda que haja algo de novo naquilo que chamam de *novos fundamentalismos*, o que de fato poderia ser ventos de renovação do velho e enrijecido movimento, está aparentando ser retalho novo em roupas velhas, vinho novo em odres velhos.

Mas, e a responsabilidade cristã em relação a justiça social? Esta não é uma questão opcional na vida cristã, não está no campo das escolhas político-partidárias, não se trata de seguimento a ideologias ou teologias; mas está seguramente na esfera do amor de Deus, por meio do qual todas as coisas foram criadas e a salvação foi providenciada. Quem ama a Deus ama a sua criação e luta por ela todos os dias, das diversas formas que fazem parte da missão cristã, inclusive a busca pela justiça social.

Regina Fernandes

INTRODUÇÃO

O objetivo deste livro, em sua primeira parte, é propor um diálogo entre os ditos Jesus, com ênfase nos ditos de cunho social, e a ética em Emmanuel Lévinas. A necessidade de reunir teologia e filosofia se dá pela formulação da ética cristã e, conseqüentemente, todo o sistema teológico sofrer influências de uma filosofia pautada no Eu socrático. Não obstante, os sistemas evangélicos procedentes dessa tradição criticaram os movimentos teológicos que pensavam a questão do Outro, sob a justificativa de que faziam uma mera antropologia. Entretanto, neste texto pretendemos mostrar que em qualquer caso essa crítica não poderá ser válida, diante da construção profética bíblica, de Lévinas e, sobretudo, de Jesus, pois ética e santidade para todos eles são a mesma coisa. Como resultado deste diálogo, pensaremos na questão da justiça social como parte do ser cristão, uma vez que amar ao próximo não exige, do próximo, qualquer resposta sectária.

Na outra parte dessa obra tratamos sobre o fundamentalismo protestante, movimento que nasceu no século XIX e deixou marcas consideráveis no século XXI. Embora essa palavra, ainda hoje, carregue um desgaste, este grupo ainda permanece vivo, forte e estratégico. Por estratégia, exploraremos o fundamentalismo em suas expressões de disfarce, bem como o uso

do medo como ferramenta de ataque e o seu duplo posicionamento. Esse disfarce é evidenciado na Declaração de 2018, apontada no texto, uma vez que ela não se identifica como um documento fundamentalista. Porém, a partir de uma análise do discurso em Michel Foucault, é possível identificar tal declaração como sendo de um movimento fundamentalista, inclusive, de um fundamentalismo alinhado ao movimento fundante do século XIX. Posto isso, faremos as devidas análises nas declarações, cujo aspecto teológico é muito forte e os elementos afirmados frente ao Estado colocam em risco um regime democrático.

A JUSTIÇA SOCIAL COMO PARTE DO SER CRISTÃO

Via de regra, não há uma produção do que seria a *Teologia de Jesus Cristo*, no entanto, a partir dos “ditos de Jesus”, trabalhados por Joachim Jeremias, encontraremos as palavras que saíram da boca do próprio Cristo¹. Em resumo, os ditos de Jesus seriam esse esforço teológico envolvido com a história, filosofia, linguagem, que pretende peneirar os textos bíblicos, a fim de perceber os destaques, o estilo e o argumento usado por Cristo nos evangelhos frente a determinadas temáticas. Isso não quer dizer que tal análise pretende descartar aquilo que é adaptação e reprodução adulterada dos ditos (como faz Mateus ao acrescentar “espírito” na sentença que Lucas coloca apenas “pobre”), pois esse fenômeno é a evidência concreta da relevância dos ditos de Jesus². Aliás, os ditos facilitam na análise criteriosa de uma

- 1 Embora os “ditos de Jesus” envolvam elementos linguísticos comuns da sua época e da tradição judaica, há características inéditas e específicas dele, bem como a forma de algumas parábolas, a mensagem do Reino de Deus etc. Joachim Jeremias destaca essa segunda informação como “marcas da *ipsissima vox* de Jesus” (Cf. Jeremias, 2008, pp.69-79).
- 2 “O ponto de partida para qualquer cristologia ou interpretação cristã de Jesus não é, simplesmente, Jesus de Nazaré; menos ainda, o querigma ou o credo da Igreja. **É o movimento que o próprio Jesus despertou no primeiro século da nossa era**” (SCHILLEBEECKX, 2008, p.38).

determinada problemática à luz de Jesus, isto porque ela não viabiliza a interpretação que pretende caricaturar Jesus conforme a sua tradição teológica (e aqui caricaturar, não se entende como coisa jocosa, mas como uma dinâmica de produção, isto é, o jogo da caricatura que maximiza algo e minimiza outro), mas provoca o contrário dessa elaboração.

O Outro de Emmanuel Lévinas

Em busca dos ditos de Jesus, com enfoque nos temas sociais, sobrevém a nós a ideia central da mensagem sobre o Reino de Deus. Segundo Udo Schnelle, este Reino é a visibilidade do amor de Deus para as pessoas “desqualificadas e significa perdão total da culpa, amor paternal, convite a pessoas pobres, acolhida das orações, recompensa vinda de bondade e alegria”³. Em resumo, esta é a mensagem que descobre o Outro no ambiente judaico; o Outro rechaçado e excluído na sua marginalidade. Sob este aspecto, o diálogo entre a teologia de Jesus e a ética em Lévinas viabiliza a reflexão e, uma vez que ele é reconhecido como filósofo do “Outro”, entende-se que há convergências no campo das ideias, ainda que estes personagens estejam separados abruptamente na história cronológica.

A relevância de Emmanuel Lévinas (1906-1995) e a elaboração de sua ética, se dá no ambiente que o cerca. Lévinas é um judeu que sofre as consequências da Segunda Guerra Mundial: exilado, porém sobrevivente, se torna um crítico do cristianismo. Porém, esta é a razão que liga Lévinas a Jesus, pois ambos são indivíduos fundamentais para resgatar a ideia de Deus no seu tempo. Jesus faz isso frente aos fariseus e outros grupos religiosos, Lévinas o faz frente ao cristianismo europeu do século xx, apoiador do regime Hitler.

3 SCHNELLE, 2017, p.131.

O filósofo francês contribui na elaboração do conceito de uma religiosidade santa e ética na medida em que nós escutamos a voz do Transcendente: “uma relação com o Transcendente [...] é uma relação social. É aí que o Transcendente, infinitamente Outro, nos solicita e apela para nós. A proximidade de Outrem, a proximidade do próximo”⁴. Para este debate, a relevância de Lévinas se dá pelo uso de conceitos que perpassam o campo da linguística, bem como o ‘Mesmo’ que seria o resultado daquilo que é parecido comigo e o ‘Outro’ como aquele que eu não exijo que seja como eu; conceitos que facilitam a reflexão prática da mensagem de Jesus que desautoriza prerrogativas sectárias, isto é, se o indivíduo é crente ou não.

A justificativa deste texto é cunhada em duas relevâncias: científica e religiosa. No primeiro caso, a relevância se dá no fato da contribuição à justiça social, tendo em vista ser um conceito pouco trabalhado no ambiente brasileiro ou, quando trabalhado, é enviesado sob motivações político-partidárias. A segunda razão se concentra na perspectiva religiosa. O movimento religioso, identificado como sendo responsável pelo desprezo com as questões sociais, isto é, o fundamentalismo, é o mesmo movimento que influencia o protestantismo brasileiro⁵.

Enquanto método, usamos o comparativo, de modo a colocar os ditos de Jesus em diálogo com a ética levinasiana e conflitá-los com o movimento fundamentalista, bem como com aqueles movimentos que advém deste seguimento. Os identificamos como essenciais, pois colocam a questão da justiça social como secundária ou irrelevante. Entretanto, neste

4 LÉVINAS, 2008, p.67.

5 “Na década de vinte, além da penetração destacada no meio batista, é rápida e grande a difusão da fama e projeção social dos fundamentalistas entre muitas denominações protestantes” (ORO, 1996, p.61).